

## LAZER E IDOSO INSTITUCIONALIZADO: TENDÊNCIAS, PROBLEMAS E PERSPECTIVAS<sup>1</sup>

**Recebido em:** 07/10/2012

**Aceito em:** 23/04/2013

*Giselle Alves de Moura*

Universidade Federal de Minas Gerais  
Prefeitura Municipal de Belo Horizonte  
Belo Horizonte – MG – Brasil

*Luciana Karine de Souza*

Universidade Federal de Minas Gerais  
Belo Horizonte – MG – Brasil

**RESUMO:** O profissional dedicado à atividade física para residentes de instituições de longa permanência para idosos tem enfrentado dois problemas inter-relacionados: pouca adesão às atividades e ausência de interesse nos trabalhos propostos. A necessidade de compreender as práticas de lazer na vida de idosos independentes é um tema bastante discutido no meio profissional e científico. Porém, investigações sobre os significados do lazer na vida de idosos institucionalizados são escassas. Na realidade, a oferta de atividades de lazer é pequena nestas instituições. O presente trabalho apresenta uma revisão crítica da literatura sobre lazer em idosos institucionalizados, com apontamentos sobre as tendências detectadas, os problemas a resolver e as perspectivas para a área.

**PALAVRAS CHAVE:** Atividades de Lazer. Idoso. Asilo.

### LEISURE AND INSTITUTIONALIZED ELDERLY: TENDENCIES, ISSUES, AND PERSPECTIVES

**ABSTRACT:** The professional dedicated to physical activity to residents of long term institutions to elderly people have been facing two intertwined problems: low adherence to the activities and lack of interest on the ones that are offered. The need to understand leisure practices in the life of independent elderly is a very discussed topic in the academic and professional realms. However, research on the meanings of leisure in the life of institutionalized elderly are rare. In fact, the offer of leisure activities in those institutions is small. This paper present a critic on the literary review about leisure on institutionalized residential homes to the elderly in Brazil, with notes on tendencies detected, problems to be solved, and perspectives to the field.

---

<sup>1</sup> Este trabalho é parte inédita da Dissertação de Mestrado da primeira autora, sob orientação da segunda. Agradecimentos: CAPES; Mestrado em Lazer da UFMG; D. C. Silveira.

**KEYWORDS:** Leisure Activities. Aged. Asylum.

## **Introdução**

O profissional dedicado à atividade física para residentes de instituições de longa permanência para idosos (ILPIs) tem enfrentado dois problemas inter-relacionados: 1) Pouca adesão às atividades (físicas, educativas, recreativas, etc.); e 2) Ausência de interesse nos trabalhos propostos.

Ao analisar o cotidiano de uma ILPI, Faleiros e Morano (2009) presenciaram a organização de uma festa desarticulada da bagagem cultural e das incapacidades dos moradores. O evento gerou um choque entre as expectativas dos residentes e a intenção dos organizadores. Para os autores, a aparente apatia e o entendimento dos idosos de que “aqui não tem nada para fazer”, sugerem um descompasso entre o que é realizado na ILPI e o que os idosos faziam antes do ingresso na instituição.

A necessidade de compreender as práticas de lazer na vida de idosos independentes é um tema bastante discutido no meio profissional e científico (BARRETO, 1997; DOLL, 2007). Porém, investigações sobre os significados do lazer na vida de idosos institucionalizados são escassas. Em raro e recente estudo dedicado ao tema das ILPIs, Camarano e Kanso (2010) constataram que a oferta de atividades de lazer é pequena nestas instituições. Na maioria das vezes é dependente de voluntariado com serviços oferecidos apenas temporariamente.

Os dados de Camarano e Kanso (2010) indicam que nas ILPIs da região sudeste predomina a oferta de serviços de saúde (atendimento médico, fisioterapia, etc.). A maior parte das instituições conta com alguma parceria ou convênio, em geral com o setor público

(governo municipal, estadual ou federal) ou universidades e associações religiosas. Atividades de lazer, esportivas e/ou culturais ocorrem, por exemplo, em 16,9% das instituições mineiras.

Tem-se percebido mudanças significativas no padrão de vida da população brasileira, com reflexos sobre a vivência do lazer (BENEDETTI; GONÇALVES; MOTA, 2007; JOIA; RUIZ; DONALISIO, 2007). Assim, é necessário rever o padrão de vida de residentes em ILPIs, especialmente suas experiências de lazer. Ademais, conforme indicado pelo Instituto de Pesquisa e Estatística Aplicada (IPEA), há cada vez mais idosos residindo nestes locais (CAMARANO, 2010). Desta feita, o planejamento e a oferta de práticas de lazer precisam ser incluídos na rotina da instituição. Isso permitiria a continuidade das vivências de lazer anteriores à chegada à residência, e/ou a oportunidade de retomar vivências passadas ou mesmo criar novas.

Um levantamento extenso e intenso da produção científica publicada no Brasil sobre lazer em ILPIs demonstrou que grande parte dos trabalhos não abordou o tema de forma aprofundada (SILVEIRA *et al.*, 2010). Do montante de publicações encontradas, é o notável desenvolvimento científico da área interdisciplinar dos Estudos do Lazer no Brasil, trazendo possibilidades de novos debates e pesquisas empíricas em benefício da população idosa.

Uma característica marcante dos esforços direcionados ao idoso institucionalizado é a priorização de suas enfermidades ou limitações. Raramente são consideradas suas capacidades, habilidades, potencialidades ou mesmo interesses, vontades e experiência de vida. Em especial, desconsiderados são seus interesses em descanso, divertimento, prazer e desenvolvimento de habilidades que promovam forças e virtudes. Não é levado em conta que, mesmo diante de limitações, dificuldades ou enfermidades, as pessoas possam

experimental entretenimento, descanso e desenvolvimento. Como o número de idosos nas ILPIs tenderá a aumentar em função das mudanças de ordem social, cultural, econômica e familiar no país, faz-se necessário que serviços melhor elaborados na direção do lazer sejam planejados e executados exatamente para atender as novas demandas deste crescente público (BORN; BOECHAT, 2002; CAMARANO; KANSO, 2010).

Segundo Macklin (1990 apud AGICH, 2008), as ILPIs no Brasil incluem indivíduos com distintos históricos socioeconômicos e culturais. Há uma falta de senso de comunidade e pouco é incentivado o desenvolvimento de relacionamentos significativos entre os residentes. As salas de atividades são ocupadas por idosos com pouca ou nenhuma conversa e sem interação. Todavia, à medida que se busca proximidade, nota-se que são seres pensantes e conscientes, embora esta consciência possa estar fragilizada e as preocupações, diferentes.

Godbey (1999) entende que o ser humano busca experiências a partir da vontade interna e caminhos pessoalmente agradáveis. Da vontade interna destacam-se práticas de lazer como hábito integrado à vida do idoso. Entende-se a busca de um lazer pleno e verdadeiro, associado à subjetividade e aos aspectos motivacionais que consideram o contexto e as preferências do idoso. O estímulo a buscar o lazer pleno direciona-se para a convivência com grupos afins e de algo que os mantenham ativos e valorizados, com diversificação nas opções.

Um verdadeiro lazer está relacionado com aspectos motivacionais intrínsecos e com a percepção da liberdade, onde os indivíduos tendem a realizar atividades pela satisfação propiciada. Também Kowalski (2007, *apud* PINTO, 2008) refere um lazer vivenciado na plenitude, sempre que as pessoas se sintam bem com o relaxamento físico e psicológico experimentados, e quando os sujeitos percebem diferentes sensações ou o gozo do repouso.

Na direção de contribuir com os esforços na promoção do lazer em ILPIs, considera-se importante investigar a trajetória, a atualidade e as perspectivas associadas às experiências de lazer de idosos institucionalizados. Reunindo estas três fontes de experiências de lazer, seria possível captar as reais motivações (interesses e vontades) associadas ao lazer.

No entanto, um primeiro passo é necessário. Dos trabalhos disponíveis publicados sobre lazer em idosos asilares, é importante localizar os problemas apontados nessas publicações e delas advindos, bem como as tendências principais e as perspectivas diante do quadro analisado. Antes disso, considera-se relevante compreender o que é uma ILPI e como é o cotidiano de seus residentes.

### **As instituições de longa permanência para idosos (ILPIs)**

A história dos asilos de velhos é antiga e o cristianismo foi pioneiro nesta forma de amparo aos idosos em situação de pobreza e exclusão social (POLLO; ASSIS, 2008). Antes disso os idosos eram abrigados juntamente com outros pobres, doentes mentais, crianças abandonadas e desempregados (BORN, 2001). A maior parte dos asilos tem origem na filantropia religiosa e na ideologia humanista. No Brasil, as confrarias da Sociedade São Vicente de Paulo passam a atender os idosos de forma residencial. No Rio de Janeiro de 1890 surge o Asilo São Luiz para a Velhice Desamparada (GROISMAN, 1999). Em 1964, a Santa Casa de Misericórdia de São Paulo passa a dedicar-se mais aos idosos à medida que aumentavam as internações destes indivíduos (BORN, 2001). Destaca-se que, no século XX, estas instituições passam a incorporar ideias de higiene e educação, e no início do século XXI a regulamentação de direitos humanos (FALEIROS; MORANO, 2009).

No entanto, a instituição asilar é vista com resistência e preconceito e entendida como “depósito de idosos”, local de exclusão e isolamento. Residir numa instituição pode significar abandonar o lugar idealizado da família (BORN, 2001). Todavia muitas vezes a família é um espaço de conflitos, o que é confirmado com certa frequência pelos indicadores de violência doméstica contra o idoso (CAMARANO, 2007).

Diante do novo quadro social da população idosa brasileira, é preciso conscientizar sobre as mudanças necessárias para o bem-estar de todos os idosos nas ILPIs. Para isto é preciso desconstruir a ideia de caridade de outros tempos, e entender estes locais como instituições prestadoras de serviço diante da demanda atual de atendimento.

As ILPIs são também conhecidas como abrigo, lar, asilo, casa de repouso, clínica geriátrica e ancionato. A mudança do nome asilo para ILPI, segundo Camarano e Kanso (2010), teve origem na tentativa da Sociedade Brasileira de Geriatria e Gerontologia (SBGG) de expressar a função híbrida destas instituições: assistência social e à saúde. Mas para Camarano e Kanso (2010), a ILPI não é um estabelecimento clínico nem terapêutico, e sim uma residência coletiva de idosos independentes e idosos com dificuldades para desempenhar atividades de vida diária.

Por outro lado, embora se reconheça os esforços em perceber as ILPIs como residência coletiva, muitas demonstram fortes traços de ambientes médicos. São indicadores disso a predominância da linguagem médica na referência aos residentes, o ambiente sanitarizado, os funcionários uniformizados e o trabalho centrado em atender as necessidades diárias dos idosos (AGICH, 2008).

Atualmente os residentes das ILPIs apresentam características e necessidades diferenciadas dos asilos de outras épocas. Há idosos que buscam uma ILPI por opção própria, outros para manter a independência funcional mesmo diante dos problemas de

saúde. Há aqueles que querem evitar a posição de “fardo” para os familiares; outros desejam uma vida social mais ativa com a convivência com pessoas da mesma idade. É neste último tipo de motivação que se encontra mais claramente uma relação próxima entre vida social mais ativa e o valor atribuído ao lazer.

As pesquisas do Instituto de Pesquisas Econômicas (IPEA) verificaram que 67% das ILPIs da região sudeste são filantrópicas sem fins lucrativos (CAMARANO, 2010). A maioria dos idosos residentes em ILPIs possui família (companheiros, filhos, netos ou parentes), embora isso não garanta a permanência do idoso no domicílio familiar. Predominam solteiros e viúvos, o que sugere que a ausência do companheiro contribui para o asilamento (CORTELLETTI; CASARA; HEREDIA, 2004).

As ILPIs com residentes de menor poder aquisitivo são mais modestas e dependem de apoio de entidades privadas ou públicas e contribuições da comunidade. Nestes casos, os serviços são oferecidos majoritariamente por voluntariado, muitas vezes com qualificação inferior. Além disso, a carência de recursos materiais e de equipamentos são fatores condicionantes e limitantes ao desenvolvimento de atividades pelos idosos.

Na ILPI se ocupa o tempo predominantemente com atividades passivas e de pouca interação, como ler, ouvir rádio ou conversar. Com o tempo estas atividades diminuem em virtude de perdas decorrentes do envelhecimento, as quais precisam ser amparadas; contudo o suporte material nem sempre é suficiente (BULLA; MEDIONDO, 2004).

A respeito da velhice asilar, Debert (1999) aponta que, de um lado, há solidão, descaso do poder público e desigualdade social; de outro, a sabedoria dos residentes com suas experiências de vida. Toda a diversidade observada nestas instituições também se relaciona com a sociedade como um todo, deixando transparecer inclusive a desigualdade

econômica (BEAUVOIR, 1990). Logo, analisar a ILPI requer afastamento de julgamentos de valor e um posicionamento com criticidade.

Davim *et al.* (2004) estudaram as características socioeconômicas e de saúde de 76 idosos de três ILPIs filantrópicas de Natal (RN). Os dados confirmaram a tendência de outros estudos: predominância do sexo feminino (AIRES; PAZ; PEROS, 2006; CHAIMOWICZ; GRECO, 1999; LOPES *et al.*, 2007; SANTANA *et al.*, 2006), baixa escolaridade (AIRES *et al.*, 2006; LOPES *et al.*, 2007; PELEGRIN *et al.*, 2008) e baixo poder aquisitivo (AIRES *et al.*, 2006; PELEGRIN *et al.*, 2008).

Em um estudo realizado por Pelegrin *et al.* (2008) em 72 residentes de uma ILPI de Ribeirão Preto (SP), a maior parte dos idosos era do sexo masculino e com idade entre 71 e 90 anos - dados que destoam da maioria das instituições. A renda mensal era de um salário mínimo, com baixa escolaridade e alta taxa de indivíduos solteiros; estes dados vão mais ao encontro do perfil típico desta população. Em geral os idosos eram independentes para a maioria das AVDs. Entretanto, o ambiente físico apresentava muitas irregularidades (pisos e mobiliários inadequados e falta de corrimãos), o número de cuidadores era insuficiente e não havia atividades de lazer. Na visão de Franciscatti *et al.* (2004), após a análise de uma ILPI de São João del-Rei (MG), estas instituições privam os idosos de suas escolhas mais simples em prol de normas institucionais, o que permite a emergência de perdas sociais e do empobrecimento afetivo.

Para Freire Júnior e Tavares (2005), os residentes de ILPIs são pessoas que, a partir do momento em que são institucionalizadas, tem reduzidas suas chances de realizar novos projetos de vida. O afastamento do convívio social e das relações com a história de vida reforça este quadro, além de uma sequência de desestímulos que levam ao isolamento, à depressão e à apatia geral diante da vida.

Faleiros e Justo (2007) estudaram 45 moradores de uma ILPI pública de Assis (SP). Detectou-se pouco contato dos residentes com familiares ou mesmo uma ruptura com estes. Os idosos mencionaram visitantes fora do círculo familiar, estagiários do projeto universitário UNATI da UNESP/Assis e passeios pela cidade como os três contextos nos quais tinham contato com outras pessoas.

De modo geral as ILPIs não possuem espaço físico planejado para o lazer, principalmente as mais necessitadas (FALEIROS; JUSTO, 2007). Atividades diferenciadas são pouco oferecidas pela maioria das ILPIs. Apesar de boa parte delas contarem com espaços abertos, pátio e jardim, não é especificado, nos estudos encontrados, se estes espaços são adaptados para o lazer do residente.

### **O lazer, a recreação e o tempo livre no contexto das ILPIs**

Como visto, em geral as ILPIs pouco oferecem espaços para lazer aos moradores (FALEIROS; JUSTO, 2007). Dentre as que oferecem, no entanto, não há consenso sobre a denominação das práticas oferecidas, que ora são chamadas de recreativas, de lazer, terapêuticas ou para combater o sedentarismo.

As atividades de recreação são diversificadas e não exclusivas a momentos de lazer, podendo ser vivenciadas em outros tempos e espaços sociais, a partir de uma liderança voluntária ou profissional e com a finalidade de diversão. Já o lazer é, por natureza, parte da cultura, e se manifesta ludicamente no tempo e no espaço por meio de relações dialéticas entre pessoas e suas necessidades e obrigações, envolvendo manifestações culturais como jogos, brincadeiras, festas, passeios, viagens, esportes e formas de arte (GOMES, 2004).

A articulação entre os conceitos de tempo livre e de lazer no contexto asilar remete a dois aspectos. O primeiro é o papel central da atividade laboral na vida destas pessoas,

seguindo a lógica da produtividade: sem ocupações, elas não sabem o que fazer no tempo livre. O segundo aspecto é o envolvimento do idoso em um espaço fechado regulado por regras distintas do mundo externo, o que leva o tempo livre a ser consumido na forma de lazer passivo. Concordando com Ferrari (2007), para se descobrir a capacidade de enfrentamento desta dimensão do tempo é preciso estimular atividades que deem ritmo e significado à vida.

As atividades de lazer e de ocupação do tempo livre no período pré-asilar diminuem consideravelmente com o ingresso na ILPI (BULLA; MEDIONDO, 2004). A partir daí, a tarefa é criar uma nova estrutura de vida, na qual o tempo livre se desconecte da obrigação e os sujeitos exerçam liberdade, não porque há permissão do outro, como no tempo do trabalho, mas porque o próprio sujeito a exige. Assim, o ser humano não é livre somente “do tempo”, mas especialmente “no tempo”.

Uma maior ou menor diversificação na oferta de atividades de lazer depende da possibilidade de recursos financeiros do idoso, da família e da instituição asilar. As instituições com menos recursos tendem a pouco disponibilizar estes serviços, apesar de reconhecerem a importância do lazer na qualidade de vida dos idosos (CREUTZBERG; GONÇALVES; SOBOTTKA, 2007). Assim, é preciso identificar o lazer como necessário ao bem-estar geral da população idosa, somando esforços para o cumprimento legal do direito ao lazer.

Brito e Carlos (2007) avaliaram a qualidade de vida de uma residência específica para idosos profissionais artistas no Rio Grande do Sul. Havia liberdade para ir e vir e viviam sozinhos na casa, mas não apresentavam vínculos de pertencimento ao local, não se sentiam como um coletivo organizado e não se aceitavam mutuamente. As dificuldades de convivência acarretavam prejuízos emocionais e relacionais. O estudo concluiu que, mesmo

em uma residência com plena autonomia, fazia-se necessário a presença diária de uma equipe mínima especializada para organizar o cotidiano dos idosos.

Uma pesquisa-ação de Rodrigues (2002) com vivências de lazer fora do espaço residencial em um condomínio para idosos de Jataí (GO) levou os moradores a perceber a acomodação e isolamento em que se encontravam. O autor identificou interesses individuais, coragem diante de novidades, e troca de conhecimentos e de saberes que favoreceram a liberdade de opção. Os resultados indicaram a importância de educar para o lazer favorecendo a possibilidade de opções e escolhas.

Brum (2001) relata a percepção de residentes sobre a vida em uma ILPI privada, filantrópica e leiga, da cidade do Rio de Janeiro. Havia comportamentos discriminatórios entre os moradores, por exemplo, na recusa de alguns em sentar-se à mesa com outros de menor nível socioeconômico. Além disso, a autora captou sentimentos de espera pela morte, enquanto outros idosos afirmaram encontrar vida na instituição. No que diz respeito ao lazer, a ILPI possui biblioteca, capela, jardins e salão de festas, mas Brum (2001) não fornece detalhes sobre o aproveitamento e a utilização dos espaços de lazer pelos residentes.

Lopes *et al.* (2007) analisaram diagnósticos de enfermagem, necessidades psicossociais e bem-estar espiritual de 55 residentes de uma ILPI de Rio Grande (RS). Muitos idosos sentiam falta da família e amigos, enquanto outros estavam satisfeitos com a ILPI como única rede de apoio disponível. Quanto às atividades de lazer, 30 idosos não realizavam atividade e 24 participavam de: artesanato, bingo, dança, passeio, leitura, grupo religioso, costura, assistir televisão, ouvir rádio e leituras. Os idosos que não participavam das atividades de lazer justificavam sua ausência em virtude de tédio e de desejo de alguma

coisa para fazer. Ao mesmo tempo, observou-se que a não-participação estava atrelada à dificuldade de acesso às mesmas.

Davim *et al.* (2004) examinaram as práticas de lazer de três ILPIs de Natal (RN), classificando-as como ausentes ou limitadas, e com baixa taxa de adesão. Embora para os idosos o lazer fosse importante, não ficou claro o real grau de interesse dos entrevistados sobre as práticas oferecidas. Em uma das instituições, todos os idosos foram considerados sedentários. Das três instituições investigadas, 49% dos idosos relataram que preferiam “fazer nada”. Diante dos resultados, Davim *et al.* (2004) ressaltam a importância de se encontrar atividades prazerosas com base na vontade própria e na habilidade individual do morador.

Índices pequenos de participação de residentes nas atividades oferecidas pelas instituições também são relatados por Maia, Londero e Henz (2008) (Santa Maria, RS), Pavan, Meneghel e Junges (2008) (ILPIs da região do Alto Uruguai, RS) e por Gobbi *et al.* (2008) (Rio Claro, SP). Para estes autores, a falta de adesão é devida à falta de investimentos e de estímulos a atividades prazerosas aos idosos.

Santana *et al.* (2006) analisaram a oferta de lazer em uma ILPI assistencial de Viçosa (MG). As atividades, oferecidas por estagiários, envolviam modelagem, teatro e expressão corporal, cinco vezes por semana. Entretanto a estrutura física do local era inadequada para os idosos e não apresentava área de lazer. Os estagiários conseguiram motivar os residentes devido ao caráter diferenciado das atividades, que acabaram atendendo a diferentes interesses dos participantes. As atividades proporcionaram também uma gradual aproximação entre os residentes, tornando-os mais integrados. Ao final, Santana *et al.* (2006) concluíram que o lazer consegue despertar nos idosos institucionalizados a capacidade de estabelecer novas e significativas relações sociais, além

de estimular a busca por autonomia. Todavia, mesmo diante de resultados positivos, os autores identificaram aspectos comuns à maioria das ILPIs, como a descontinuidade dos serviços voluntários e falta de organização e planejamento das tarefas. Para Ximenes e Cortes (2007) esta desorganização resulta em frustração geral, colocando os residentes em uma situação de constante disponibilidade. Conseqüentemente, a autonomia dos usuários é desrespeitada, e o que poderia ser um momento terapêutico acaba se transformando em antiterapia.

Grossi, Schardosim e Vargas (2005) investigaram o lazer em 16 idosos institucionalizados em dois municípios gaúchos e perceberam que, para muitos residentes, não há distinção entre trabalho e lazer. A título de ilustração, alguns idosos associavam práticas de lazer na instituição a serviços domésticos como atender a porta, executar pequenos consertos, reparos, auxiliar idosos doentes ou pagar contas no banco. Outros identificaram o lazer com caminhada, dança, pintura, ouvir rádio, leitura da Bíblia e fazer palavras cruzadas. Para outros, ainda, as poucas atividades que interessam são evitadas por problemas de saúde.

Plati *et al.* (2006) compararam três grupos de idosos da cidade de São Paulo para avaliar o desempenho cognitivo e verificar a frequência de sintomas depressivos: idosos institucionalizados que praticavam atividades de lazer; idosos institucionalizados que não praticavam tais atividades; e idosos não institucionalizados mas que participavam de atividades religiosas, grupos de convivência e viagens. Não foram encontradas diferenças significativas para sintomas depressivos entre idosos inativos e ativos, mas o envolvimento em atividades diversificadas de lazer esteve correlacionado à performance cognitiva.

Para Ximenes e Cortes (2007), o fazer humano consiste na continuidade de fazer planos, estabelecer contatos sociais, tornando o morador da ILPI um sujeito ativo e

participante na comunidade. A linguagem deste fazer, seja ele físico, de lazer ou de trabalho, permite conhecer o mundo, o espaço, o tempo em que se vive e sua cultura.

### **O lazer nas ILPIs: Tendências, problemas e perspectivas**

As publicações encontradas na literatura nacional apontam, por intermédio de diferentes análises, as dificuldades enfrentadas nas instituições, especialmente as mais necessitadas. Dentre as limitações detectadas podem-se enumerar os recursos humanos ineficientes, dificuldades de acesso aos espaços de lazer, baixa motivação dos idosos, espaços físicos não planejados e ações governamentais ineficazes.

Apesar de a maioria dos trabalhos encontrados não focalizar o lazer na ILPI, são identificadas nestas publicações contribuições importantes. Assim, o estudo atento às publicações disponíveis permite reunir elementos para auxiliar na construção de propostas de lazer que beneficiem os usuários desta faixa etária.

A rotina diária de idosos institucionalizados depende fundamentalmente de como a instituição planeja, organiza e oferece oportunidades para que o residente tenha mais do que apenas os cuidados mínimos atendidos. Atividades educativas, recreativas, culturais, etc., enquanto obrigações institucionais, precisam ser planejadas, organizadas e executadas com base no público ao qual são destinadas. Proporcionar espaços/momentos de lazer ao idoso institucionalizado é partir da vontade e do interesse do residente em como descansar, se divertir e se desenvolver – em outras palavras, como vivenciar lazer, para além da recreação.

Muitas atividades propostas nas ILPIs intentam melhorar as condições físicas e motoras de seus participantes e, indiretamente, promover divertimento, emoções positivas,

aumento da autoestima ou boas interações sociais. No entanto, o desinteresse do idoso pela atividade físico-motora impede o ganho secundário com experiências sociais e emocionais.

As práticas orientadas para o lazer nas ILPIs não tem correspondido às necessidades motivacionais de seus usuários. Iniciativas de órgãos públicos, universidades ou serviços voluntários tem procurado incentivar a população idosa institucionalizada, mas carecem de recursos financeiros e capacitação profissional para aprimorar os serviços. Aparentemente, as poucas ações desenvolvidas parecem contemplar as necessidades de alguns idosos mais independentes, o que corresponde a uma pequena parcela do público institucionalizado.

É rara ou ausente a motivação (interna) nos idosos institucionalizados para realizar as atividades que a ILPI oferece, ou mesmo para solicitar atividades de seu interesse. Acima de tudo, não se observa uma tentativa de estimular os residentes a experimentar práticas culturais, educativas e sociais diversificadas, principalmente quando a maioria destes idosos visualiza estas ofertas como obrigatórias ou desvinculadas de seus verdadeiros interesses.

Para Vecchia *et al.* (2005) a conquista de uma vida com qualidade é construída através de um processo que inclui refletir sobre o que é importante para a vida pessoal, e assim estabelecer metas para serem atingidas tendo como inspiração o desejo de ser feliz. Desta forma, diretrizes que valorizem o idoso como protagonista de suas escolhas poderão contribuir para elevar o número de interessados na prática do lazer.

Outro aspecto importante a ser considerado é o fato de que o idoso institucionalizado, sem oportunidades para manifestar seus interesses e vontades, não se sente integrado à instituição. A promoção da vivência do lazer também pode contribuir para o idoso se sentir incluído na ILPI, como membro ativo de uma real comunidade.

Nas discussões sobre o lazer presentes na literatura científica disponível, quando este não é tratado na sua especificidade, é entendido como complemento de práticas terapêuticas, preenchimento do tempo vazio, medida de integração entre os residentes ou, na maioria das vezes, atrelado a atividades corporais. Estas discussões não tendem a levar em consideração o julgamento do usuário sobre a classificação desta ou daquela atividade como vivência de lazer de seu interesse. Assim, as possibilidades de discutir práticas de lazer ficam em um plano secundário, desarticulado do contexto de vida real do indivíduo.

Partindo-se do pressuposto de que o lazer não pode ser imposto para ser usufruído, os idosos precisam ser consultados em relação a suas experiências de lazer. Esta consulta, para ser completa, deve abarcar não somente suas atuais necessidades e vontades, mas também resgatar suas experiências passadas de lazer.

Portanto, acredita-se na urgência de investimentos científicos que tragam respaldo para a prática profissional dedicada ao idoso brasileiro, em especial, o institucionalizado. O esforço científico e profissional voltado ao lazer nas ILPIs pode contribuir para que as novas gerações tenham à sua disposição meios para usufruir de um lazer pleno: com descanso, diversão e desenvolvimento integral. Nessa direção, reconhece-se a necessidade de proporcionar experiências de lazer verdadeiramente gratificantes ao morador da ILPI, em harmonia com suas experiências de vida, motivações e necessidades. É preciso investir cientificamente em pesquisas que permitam, além de colaborar para a atuação profissional qualificada em lazer nestas instituições, localizar elementos que possibilitem desenvolver e difundir práticas de lazer com as quais este idoso se identifique.

Contudo, não bastaria apenas interrogar o usuário da ILPI sobre seus interesses e vontades atuais em lazer, mas auxiliá-lo a refletir sobre o lazer desde suas experiências anteriores na vida laboral, no tempo livre, no lazer, na vida como aposentado e na transição

para a ILPI. São também variáveis importantes à pesquisa do lazer na ILPI o tempo de institucionalização, o significado do lazer na vida do idoso frágil, as demandas de lazer nas instituições, o baixo aproveitamento das práticas de lazer e os graus de autonomia e suas implicações nas práticas de lazer nas ILPIs.

Nesse sentido, acredita-se que a investigação científica pode atuar como mediadora entre o idoso institucionalizado e a) suas experiências passadas com o lazer, b) suas experiências presentes com o lazer, e c) suas intenções futuras com o lazer. É raro este tipo de discussão tanto nas ILPIs, como no meio científico e profissional. Nenhum estudo foi localizado que tratasse do lazer nas ILPIs com foco nas experiências de lazer enquanto trajetória (passado), atualidade (presente) e intenção (futuro).

Considera-se que há diferentes formas de abordagem ao lazer na ILPI. No entanto, as formas disponíveis não se têm mostrado eficientes nem eficazes para trabalhar o interesse cultural e motivacional dos sujeitos. Acredita-se que primeiro passo na direção de estimular a motivação interna para a prática de lazer na ILPI é acessar as experiências de lazer de seus residentes para que as propostas institucionais sejam mais condizentes com seus interesses e vontades. Além disso, identificar as experiências de lazer compartilhado são especialmente relevantes em virtude do conhecido distanciamento relacional decorrente da institucionalização. Finalmente, é igualmente necessário conhecer as características da oferta de lazer institucional e compará-las com as experiências de lazer atuais segundo percebidas pelo próprio idoso, bem como com suas perspectivas futuras de lazer na ILPI.

## REFERÊNCIAS

AGICH, G. **Dependência e autonomia na velhice: um modelo ético para o cuidado de longo prazo.** São Paulo: Loyola/Centro Universitário São Camilo, 2008.

AIRES, M.; PAZ, A.; PEROS, C. O grau de dependência e características de pessoas idosas institucionalizadas. **Revista Brasileira de Ciências do Envelhecimento Humano**, v. 3, n. 2, p. 79-91, 2006.

BARRETO, M. Lazer e cultura na velhice. In: IX Encontro Nacional de Recreação e Lazer. **Anais...** Belo Horizonte: UFMG/Prefeitura Municipal de Belo Horizonte, 1997, p. 130-136.

BEAUVOIR, S. de. **A velhice**. 6.ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1990.

BENEDETTI, T.; GONÇALVES, L.; MOTA, J. Uma proposta de política pública de atividade física para idosos. **Texto-Contexto Enfermagem**, v. 16, n. 3, p. 387-398, 2007.

BORN, T. Quem vai cuidar de mim quando eu ficar velha? **Revista Kairós (Gerontologia)**, v. 4, n. 2, p. 135-148, 2001.

\_\_\_\_\_.; BOECHAT, N. A qualidade dos cuidados ao idoso institucionalizado. In: FREITAS, E.; *et al.* (Org.). **Tratado de Geriatria e Gerontologia**. Rio de Janeiro: Guanabara-Koogan, 2002, p. 768-777.

BRITO, S.; CARLOS, S. A. Fragmentos de discurso heterogêneo de idosos num espaço homogêneo de carência e partilha. **Estudos Interdisciplinares sobre o Envelhecimento**, v. 11, p. 81-102, 2007.

BRUM, E. A suave subversão da velhice: o mundo das grandes solidões e pequenas delicadezas de uma casa de velhos. **Revista Época**, Ano IV, n. 188, p. 82-99, 2001.

BULLA, L.; MEDIONDO, M. Velhice, dependência e vida cotidiana institucional. In: CORTELLETTI, I. A.; CASARA, M. B.; HERÉDIA, V. B. M. (Org.). **Idoso asilado: um estudo gerontológico**. Caxias do Sul: Educs/Edipucrs, 2004, p. 87-113.

CAMARANO, A. A. Instituições de longa permanência e outras modalidades de arranjos domiciliares para idosos. In: NERI, A. L. (Org.). **Idosos no Brasil: vivências, desafios e expectativas na terceira idade**. São Paulo: Perseu Abramo/SESC-SP, 2007, p. 169-189.

CAMARANO, A. A. (Org.). **Características das instituições de longa permanência para idosos – região sudeste**. Brasília: IPEA, 2010.

CAMARANO, A. A.; KANSO, S. As instituições de longa permanência para idosos no Brasil. **Revista Brasileira de Estudos Populacionais**, v. 27, n. 1, p. 233-235, 2010.

CHAIMOWICZ, F.; GRECO, D. Dinâmica da institucionalização de idosos em Belo Horizonte, Brasil. **Revista de Saúde Pública**, v. 33, n. 5, p. 454-460, 1999.

CORTELLETTI, I. A.; CASARA, M. B.; HERÉDIA, V. B. (Org.). **Idoso asilado: um estudo gerontológico**. Caxias do Sul: EDUCS, 2004.

CREUTZBERG, M.; GONÇALVES, L.; SOBOTTKA, E. A sobrevivência econômica de instituições de longa permanência para idosos empobrecidos. **Revista Latino Americana de Enfermagem**, v. 15, n. 5, p. 748-754, 2007.

DAVIM, R.; *et al.* Estudo com idosos de instituições asilares no município de Natal/RN: características sócio-econômicas e de saúde. **Revista Latino Americana Enfermagem**, v. 12, n. 3, p. 518-524, 2004.

DEBERT, G. G. **A reinvenção da velhice: Socialização e processos de reprivatização do envelhecimento.** São Paulo: Editora da USP/FAPESP, 1999.

DOLL, J. Educação, cultura e lazer: perspectivas de velhice bem sucedida. In: NERI, A. L. (Org.). **Idosos no Brasil: vivências, desafios e expectativas na terceira idade.** São Paulo: Ed. Perseu Abramo/Edições SESC-SP, 2007, p. 109-123.

FALEIROS, V.; JUSTO, J. O idoso asilado: a subjetividade intramuros. **Revista Brasileira de Geriatria e Gerontologia**, v. 10, n. 3, p. 327-337, 2007.

\_\_\_\_\_.; MORANO, T. Cotidiano e relações de poder numa instituição de longa permanência para pessoas idosas. **Revista Textos & Contextos**, v. 8, n. 2, p. 319-338, 2009.

FERRARI, M. Lazer, ocupação do tempo livre e os programas da terceira idade. In: NETTO, M. P. (Org.). **Tratado de Gerontologia.** São Paulo: Atheneu, 2007, p. 243-251.

FRANCISCATTI, K. V. S. *et al.* Empobrecimento Afetivo: família e instituição asilar como reflexo da individualização danificada. In: CONGRESSO IBERO-AMERICANO DE EXTENSÃO UNIVERSITÁRIA, 8, 2005, Rio de Janeiro. **Anais...** Rio de Janeiro: UFRJ/UNIRIO, 2005. p. 1-8.

FREIRE JÚNIOR, R.; TAVARES, M. A saúde sob o olhar do idoso institucionalizado: conhecendo e valorizando sua opinião. **Interface-Comunicação, Saúde, Educação**, v. 9, n. 16, p. 147-158, 2005.

GOBBI, S.; *et al.* Comportamento e barreiras: atividade física em idosos institucionalizados. **Psicologia: Teoria e Pesquisa**, v. 24, n. 4, p. 451-458, 2008.

GODBAY, G. Leisure, Recreation, Play and Flow. In: GODBEY, G. (Org.). **Leisure in your life: An exploration.** State College, PA: Venture Pub., 1999, p. 1-20.

GOMES, C. L. (Org.). **Dicionário crítico do lazer.** Belo Horizonte: Autêntica, 2004.

GROISMAN, D. Asilos de velhos: passado e presente. **Estudos Interdisciplinares sobre o Envelhecimento**, v. 2, n. 2, p. 67-87, 1999.

GROSSI, P.; SCHARDOSIM, M.; VARGAS, C. Idosos institucionalizados. In: DORNELLES, B.; COSTA, G. (Org.). **Lazer, realização do ser humano: uma abordagem para além dos 60 anos**. Porto Alegre: Sagra Luzzato, 2005, p. 136-143.

JOIA, L.; RUIZ, T.; DONALÍSIO, M. Condições associadas ao grau de satisfação com a vida entre a população idosa. **Revista de Saúde Pública**, v. 41, n. 1, p. 131-138, 2007.

KOWALSKI, M. **Estudos do Lazer**. Apostila da disciplina Estudos do Lazer, Viçosa: UFV, 2007.

LOPES, F.; *et al.* Diagnósticos de enfermagem de idosos residentes em uma instituição de longa permanência (ILP). **Ciência, Cuidado e Saúde**, v. 6, n. 1, p. 59-67, 2007.

MACKLIN, R. Good citizen, bad citizen: case commentary. In: KANE, R.A.; CAPLAN A. L. (Ed.). **Everyday Ethics: resolving dilemmas in nursing homelife**. New York: Springer, 1990. p. 60-70.

MAIA, G.; LONDERO. S.; HENZ, A. Velhice, instituição e subjetividade. **Interface-Comunicação, Saúde, Educação**, v. 12, n. 24, p. 49-59, 2008.

PAVAN, F.; MENEGHEL, S.; JUNGES, J. Mulheres idosas enfrentando a institucionalização. **Cadernos de Saúde Pública**, v. 24, n. 9, p. 2187-2190, 2008.

PELEGRIN, A.; *et al.* Idosos de uma instituição de longa permanência de Ribeirão Preto: níveis de capacidade funcional. **Arquivos de Ciências da Saúde**, v. 15, n. 4, p. 182-188, 2008.

PINTO, S. G. **Relações entre família, trabalho e lazer: o caso dos professores da Universidade Federal de Viçosa**. 2008. Dissertação, Mestrado em Economia Doméstica, Universidade Federal de Viçosa, Viçosa, 82 p.

PLATI, M.; *et al.* Sintomas depressivos e desempenho cognitivo nos idosos: relações entre institucionalização e realização de atividades. **Revista Brasileira de Psiquiatria**, v. 28, n. 2, p. 118-121, 2006.

POLLO, S.; ASSIS, M. Instituições de longa permanência para idosos - ILPIs: desafios e alternativas no município do Rio de Janeiro. **Revista Brasileira de Geriatria e Gerontologia**, v. 11, n. 1, p. 1-18, 2008.

RODRIGUES, M. O lazer do idoso: Barreiras a superar. **Revista Brasileira de Ciências do Movimento**, v. 10, n. 4, p. 105-108, 2002.

SANTANA, J.; *et al.* Envelhecimento, lazer e instituições de longa permanência. In: SEMINÁRIO INTERNACIONAL SOCIEDADE INCLUSIVA, 4. **Anais...** Belo Horizonte: PUC-MINAS, 2006.

SILVEIRA, D.; *et al.* Produção científica nacional em lazer e envelhecimento: resultados preliminares. SEMANA DE INICIAÇÃO CIENTÍFICA DA UFMG, 19, 2010. **Anais...** Disponível em: <[www.ufmg.br/prpq/arquivos/015774.html](http://www.ufmg.br/prpq/arquivos/015774.html)>.

VECCHIA, R.; *et al.* Qualidade de vida na terceira idade: Um conceito subjetivo. **Revista Brasileira de Epidemiologia**, v. 8, n. 3, p. 246-252, 2005.

XIMENES, M.; CORTES, B. A instituição asilar e seus fazeres cotidianos: um estudo de caso. **Estudos Interdisciplinares sobre o Envelhecimento**, v. 11, p. 29-52, 2007.

### **Endereço das Autoras:**

Luciana Karine de Souza  
Universidade Federal de Minas Gerais – FAFICH – Depto. de Psicologia  
Av. Antônio Carlos, 6627, sala F-4050,  
Campus Pampulha  
CEP: 31.270-901 – Belo Horizonte – MG  
Endereço Eletrônico: giselleamoura@gmail.com